

O ÓCIO

Caio Feijó

O tema desta matéria é sobre o polêmico conteúdo do livro “O Ócio Criativo” de Domenico De Masi. Polêmico porquê a palavra “ócio” lembra preguiça, improdutividade e irresponsabilidade, e, imaginar que alguém proponha ociosidade como solução de vida, soa, num primeiro momento como leviandade. No entanto não é sobre esse ócio que De Masi se refere em seu trabalho, ele enaltece o “ócio criativo” como uma solução social fundamental no desenvolvimento humano. Sugere De Masi, que as máquinas deveriam estar fazendo o trabalho manual e intelectual do tipo executivo, permitindo ao homem o uso intenso da sua criatividade, seu bem mais precioso. No entanto, nos tempos atuais, o homem não tem tempo de ser criativo, pois, quase sempre, é exigido de forma desumana em *overtime* nas empresas:

“O overtime, com efeito, não só destrói a criatividade e a agilidade de uma empresa, mas afeta também a vida familiar e o crescimento pessoal do empregado”..... Depois de um certo tempo o overtime se torna uma exigência por parte do chefe. E, o que é pior, com o passar do tempo, se torna também uma dependência psicológica do empregado: ele se habitua a tal ponto a passar todo o dia no escritório, que, se saísse antes, se sentiria perdido, desorientado, inútil” (p. 172 - 173)

De Masi propõe que façamos uma auto análise sobre a nossa forma de viver e cita o conto de Borges:

“Quando o discípulo pergunta se o paraíso existe, o mestre Paracelso responde dizendo que tem certeza de que o paraíso existe: e é nesta nossa terra. Mas o inferno também existe: e consiste em não se dar conta de que vivemos num paraíso” (p. 336)

Sugere ainda, o autor:

“Uma menor atenção ao dinheiro, à posse de bens materiais e ao poder. Uma maior atenção ao saber, ao convívio social, ao lazer, ao amor, à amizade e à introspecção” (p.284)

“Aquele que é mestre em viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e a sua recreação, entre o seu amor e a sua religião. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja, simplesmente, a excelência em qualquer coisa que faça, deixando aos demais a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertido. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo” (p. 148)

Que tal “osciar” um pouco? Vamos praticar em algum momento para experimentar? A auto análise do nosso trabalho, da nossa vida, dos nossos projetos, poderá nos despertar para o fato de que poderíamos deixar de ser idiotas sedentários, delegando mais, investindo na criatividade e na qualidade de vida. Criatividade e emoção são características humanas, que tal prioriza-las?

A minha experiência na clínica tem mostrado revelações surpreendentes de pessoas que “esqueceram de viver suas vidas” em nome do trabalho. Hoje arrependidas não tem mais o que fazer a não ser lamentar-se: “o que fazer com bens materiais agora no final da vida?”. – Lembrem-se: a qualidade do nosso ciclo vital é determinado, também, pela nossa criatividade, flexibilidade, capacidade de compreensão e responsabilidade sobre a nossa própria vida!

Para encerrar, uma citação de Russel:

“Continuamos a desperdiçar tanto tempo e energia como os que eram necessários antes da invenção das máquinas; nisto fomos idiotas, mas não há motivos para que continuemos a ser”